

# O GLOBO

# Entre o espanhol e o latim

Éducação

29 ABR 1994

DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO

**T**inha eu acabado de rascunhar um escrito, manifestando a inquietação de um velho diretor de escola secundária em face da ameaça de espanhol obrigatório em nosso Segundo Grau, quando me veio às mãos um artigo do ministro Paulo Brossard, saudando jubilosamente a reedição do velho Saraiva, clássico dicionário latino-português (há muito esgotado, que fora presença indefectível na carteira de qualquer secundarista dos anos 20 ou 30) e, ao mesmo tempo, vindo no fato, com júbilo ainda mais radioso, prenúncio da próxima reintrodução do ensino de latim, obrigatório, em nossas classes.

Acompanho o ministro no júbilo por essa reedição (o Saraiva, embora já tido, no tempo de antanho, como um pouco mais que modelado pelo Quicherat francês, é realmente um livro precioso), não o acompanho, porém, na esperançosa alegria pelo retorno do latim às nossas salas de aula.

Nenhuma dúvida que entre o espanhol e o latim, a presença deste seria de muito maior alcance e, portanto, mais sensata que a do outro. Contudo, um e outro esbarram na mesma dificuldade. O currículo do nível médio é pressionado por disciplinas que se multiplicam (ou se subdividem) e, ainda, por conhecimentos que se arvoram em disciplina para reclamar lugar — e lugar obrigatório nesse sobrearregado currículo. Um parlamentar, meio por fora do assunto, não hesita em projetar leis impondo a presença obrigatória, como disciplina regular, de conhecimentos ou práticas que lhes surgem à mente como desejáveis, sem avaliar bem a contrapartida, pleora dispersiva e ineficaz do ensino e ampliação inoperante de custos.

O diretor de escola, ao tentar elaborar o seu currículo, sente que há limites e que, como diz o ditado, não conseguirá colocar dois proveitos num saco só. Como no comer, o excesso gera a indigestão, no aprender, a multiplicação de atividades gera a dispersão e impede a assimilação.

Já em 1954, na "Chronique de L'Unesco", falando do ensino secundário, em face do mundo moderno, observa Gal que muitas atividades, como preparação para o trabalho e para o lazer, para a cidadania e para a vida moral, para a saúde e a alimentação, para a vida afetiva e para a reciprocidade, antes a cargo da família, passaram hoje a ser tarefas da escola. Além disso, na própria área de conhecimentos mais formais, a ampliação de encargos pode ser visualizada pela comparação do currículo secundário do Colégio de São Bento, no ano da sua fundação, 1858, com o atual.

Em 1858, o currículo constava de: gramática latina, latinidade, gramá-

tica francesa, língua francesa, filosofia racional e moral, geografia, história, inglês, retórica, matemática. Hoje: português, literatura, inglês, matemática, geografia, história, física, química, biologia, educação artística, educação física, educação moral e cívica e OSPB. E é bom notar que, desse elenco, apenas moral e cívica podia (ou deve) ser retirada, por não constituir uma disciplina formal. De OSPB, caberia retirar o B, para torná-la uma disciplina mais universal — organização social e política ou, com o nome menos equívoco, estrutura do governo democrático — disciplina sumamente necessária na preparação para o exercício da cidadania.

Note-se, também, a falta de uma disciplina fundamental — filosofia — que, a rigor, não poderia faltar. Entretanto, como a disciplina perdeu a identidade (que se entende por filosofia, hoje?) e ler Sartre ou Heidegger é mais deformar que formar, fi-

É melhor ler  
tradução...  
do que ter o  
trabalho  
ineficaz de  
estudar latim,

cou difícil de ser adequadamente ministrada. Note-se, ainda, que aí não consta desenho (como disciplina distinta de matemática), nem a reclamada informática, nem genética, que, com o realce que tem na vida moderna, podia querer isolar-se como disciplina à parte.

A essa altura poderia aparecer a interpelação de um perito moderno-vestibulofólio: "Para que ensinar física e química a quem se orienta para o direito ou economia?" Responderia: Porque o homem é um animal de cultura, isto é, que só se torna homem pelo cultivo de sua inteligência.

A função do ensino médio é hoje, mais do que ontem, humanista ou humanizadora. E o humanismo de hoje não é o restabelecimento do *trivium* ou *quadrivium* medievais, nem a volta ao currículo de 1858, mas tem que incluir a física, a qui-

mica e a biologia que, amadurecidas como ciências, fazem parte da cultura de um homem mediano dos nossos dias. E como o ensino superior deixou de ser universal, universidade deixou de ser universidade, para ser um agrupamento de cursos profissionais e especializados, recaí sobre o ensino médio a tarefa de dar cultura ou, melhor, de abrir o espírito humano para ela. Se o ensino médio não o fizer, ninguém mais o fará e o homem ficará reduzido a ser um especialista analfabeto.

Daí a exigência de procurar um currículo secundário harmonioso e formador na base de escolha e re-núncias.

Haverá lugar para o latim? Para língua latina, não; para latinidade, sim e, até, para mais isso. Já, há cem anos, Kolia, o crânio em latim dos irmãos Karamazov, considerava a imposição de língua latina, tendo traduções disponíveis, um tormento policial. E naquele tempo, o sufoco curricular não existia. Hoje, o recurso à tradução não é só aceitável, mas recomendável. O ensino de latim, como era ministrado em nossas escolas (duas aulas semanais, ao lado de 11 outras disciplinas) era não só inoperante, mas realmente tormentoso. Traduziam-se, no ano, quatro páginas da Eneida, com apoio no "burro", com grande esforço, sem chegar a conhecer a obra.

Diante disso, é melhor ler tradução, ter contato com a latinidade, que o trabalho ineficaz de estudar latim. Lendo uma tradução de Eneida, ficamos conhecendo uma grande obra. Mais ainda, com a dispensa da língua e o recurso à tradução, chega-se à possibilidade de ler Homero (conhecer um pouco de Epopeia grega), Esquilo, Sófocles, Eurípedes (conhecer o teatro e a tragédia grega), passar para o século de Augusto e ler a Eneida e, até, de entrar pela Idade Média, e chegar à Chanson de Roland (e conhecer o surgimento das línguas modernas).

Graças a isso, que chamaríamos de cultura clássica, tomamos contato com os gênios da literatura que estão na origem de nossa vida civilizada. Nessa marcha não poderia deixar de ser proporcionada uma visão histórica, política e social da Grécia e de Roma, de seus deuses e mitos, bem como um contato com o alfabeto grego e algumas noções da frase latina, como apoio para a apreciação crítica.

Boas-vindas, portanto, ao Saraiva. É preciso que as universidades tenham as portas generosamente abertas para os que se alegram em cultivar o hebraico, o grego e o latim, e, assim, conservam e distribuem para os cidadãos mais comuns esse tesouro precioso de grandeza humana. O curso secundário se alimentará dessa fonte.

Dom Lourenço de Almeida Prado é reitor do Colégio São Bento.